Sociologia, crítica e pragmatismo:

diálogos entre França e Brasil

Rodrigo Cantu
Sayonara Leal
Diogo Silva Corrêa
Laura Chartain
(Organizadores)

Pontes

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cantu, Rodrigo. / Leal, Sayonara. / Corrêa, Diogo Silva. / Chartain, Laura (Orgs.)

Sociologia, crítica e pragmatismo: diálogos entre França e Brasil
Rodrigo Cantu /Sayonara Leal / Diogo Silva Corrêa / Laura Chartain (Orgs.)
Campinas, SP : Pontes Editores, 2019

Bibliografia.
ISBN 97885-217-0236-8

1. Sociologia 2. Interação social - Brasil - França I. Título

Índices para catálogo sistemático:

1. Sociologia - 301
2. Interação social - Brasil - França - 302

Copyright © 2019 - dos organizadores representantes dos colaboradores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Editoração: Eckel Wayne
Revisão: Cibele Ferreira

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman
(Unicamp – Campinas)
Clarissa Menezes Jordão
(UFPR – Curitiba)
Edleise Mendes
(UFBA – Salvador)
Eliana Merlin Deganutti de Barros
(UENP – Universidade Estadual do Norte do Paraná)
Eni Puccinelli Orlandi
(Unicamp – Campinas)
Glaís Sales Cordeiro
(Université de Genève - Suisse)
José Carlos Paes de Almeida Filho
(UNB – Brasília)
Maria Luisa Ortiz Alvarez
(UNB – Brasília)
Rogério Tilio
(UFRJ - Rio de Janeiro)
Suzete Silva
(UEL - Londrina)
Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
(UFMG – Belo Horizonte)

PONTES EDITORES
Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão
Campinas - SP - 13070-056
Fone 19 3252.6011
ponteseditores@ponteseditores.com.br
www.ponteseditores.com.br

2019 - Impresso no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

ALÉM DA INTELIGIBILIDADE MÚTUA: A ATIVIDADE COLETIVA COMO TRANSAÇÃO. UMA CONTRIBUIÇÃO DO PRAGMATISMO ILUSTRADA POR TRÊS CASOS 21
Alexandra Bidet
Manuel Boutet
Frédérique Chave

SOCIOLOGIA PRAGMÁTICA E EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE ALUNOS E SABERES 55
Carla Cristina Pompeu

SOCIEDADE CIVIL E INOVAÇÃO SOCIAL EM ARENAS PÚBLICAS NO BRASIL. QUAL INCIDÊNCIA NA MUDANÇA SOCIAL E POLÍTICA? 81
Carolina Andion
Rubens Lima Moraes
Aghata Gonsalves

EXPERIMENTOS COM A VERDADE. UMA VARIAÇÃO SOCIOLÓGICA DAS *VARIETIES OF RELIGIOUS EXPERIENCE* DE WILLIAM JAMES 119
Frédéric Vandenberghe

ENTRE O UNIVERSAL E O DIFERENTE: DINÂMICAS POLÍTICAS E MORAIS NA *GOUTTE D'OR*, EM PARIS 147
Fabio Reis Mota
Yolanda Gaffrée Ribeiro

A DÁDIVA PELO DOM COMO VOCAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS MORALIDADES DOS NEGÓCIOS DE IMPACTO A PARTIR DA SOCIOLOGIA PRAGMÁTICA .. 169
Samantha Sales Dias

REFLEXÕES PRELIMINARES ENVOLVENDO (ALGUMAS) FORMAS E OS CONTEÚDOS DA CRÍTICA 203
Stefan Klein

CONCEPÇÕES DE JUSTIÇA ACERCA DE UM DISPOSITIVO DE INCLUSÃO SOCIAL: (IN)CAPACIDADES E REGISTROS NORMATIVOS SEGUNDO BENEFICIÁRIOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA 225
Sayonara Leal

A SOCIOLOGIA PRAGMÁTICA EM TRÊS GESTOS 265
Diogo Silva Corrêa

INVESTIGAR A INTERAÇÃO DINÂMICA DAS CAPACIDADES DOS INDIVÍDUOS E DOS AMBIENTES: UM ESTUDO SOBRE VALORAÇÃO A PARTIR DE AGRICULTORES ENGAJADOS EM UMA CADEIA DE ALGODÃO AGROECOLÓGICO .. 303
Laura Chartain

AS AÇÕES PARA REPARAÇÃO. TRANSFORMAR O OLHAR SOBRE AS VÍTIMAS 331
Nicolas Dodier
Janine Barbot

FORMA-CRÍTICA, FORMAS DA CRÍTICA: AS DIFERENTES DIMENSÕES DO DISCURSO DE DESCONTENTAMENTO 349
Alexandre Werneck
Pricila Loretti

A MEMÓRIA ACTANCIAL: AS CONSEQUÊNCIAS DE SITUAÇÕES DE FERIMENTO, TENSÃO E MORTE 387
Vittorio Talone

AS RAÍZES PRAGMATISTAS DO "PODER-COM": A FILOSOFIA DA DEMOCRACIA DE MARY P. FOLLETT 413
Daniel Cefaï

A CRITICIDADE DAS CAUSAS AMBIENTAIS: APREENDER AS CONTROVÉRSIAS PÚBLICAS PELOS AMBIENTES EM INTERAÇÃO 451
Francis Chateauraynaud

AÇÃO PÚBLICA AMBIENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA PRAGMATISTA DOS DISPOSITIVOS DE UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO (UC) FEDERAL EM UM TERRITÓRIO 475
Gustavo Matarazzo
Maurício Serva

SOBRE OS AUTORES 497

APRESENTAÇÃO

A presente publicação reúne pesquisas apresentadas durante o II *Colóquio Crítica e Pragmatismo na Sociologia: diálogos entre Brasil e França*, realizado entre 19 e 22 de junho de 2018, no auditório do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). O Colóquio trouxe como proposta a institucionalização de uma rede científica de trocas e diálogos entre pesquisadores da França do *Groupe de Sociologie Pragmatique et Réflexive* (GSPR) e do *Centre d'Études des Mouvements Sociaux* (CEMS), ambos pertencentes à *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) e do Brasil, da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Federal Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), no intuito de articular teoricamente as concepções e reflexões críticas de atores sociais confrontados com situações de incertezas, conflitos e controvérsias e as especificidades de ambas em contextos empíricos nos dois países.

Na França, a sociologia pragmática surgiu, sobretudo, em contraposição à sociologia crítica de Pierre Bourdieu (CORRÊA e DE CASTRO, 2016). Essa origem gerou certas evitações temáticas que agora a segunda geração dos pesquisadores de orientação pragmática e pragmatista sentiu necessidade de retomar, como a questão das relações de força, de poder e da dominação social. Essa oposição, contudo, nunca existiu verdadeiramente no Brasil. A troca de experiências e reflexões entre pesquisadores desses dois países se concentrou, então, no desafio teórico de conciliar sociologias de inspiração crítica, pragmática e pragmatista que levam a sério a experiência dos atores e suas competências críticas, sem abdicar de uma reflexão sobre as situações em que imperam as relações de força e poder. Os textos do presente livro dividem-se em duas partes: uma mais

teórica, em que os autores refletem sobre o diálogo entre essas distintas perspectivas teóricas e metodológicas; e uma mais empírica, em que os autores se propõem a testar a pertinência acadêmica dessas teorias para a investigação de movimentos sociais, reivindicações populares, processos de transformação institucional, aprendizagem, produção de conhecimento e a disputa acerca de prerrogativas democráticas.

A sociologia pragmática e da crítica de Boltanski e Thévenot, dois autores tidos como seus fundadores, se desenvolve a partir da interrogação a respeito do que pode explicar a integração de nossas sociedades pelas interações conflituosas de convicções morais divergentes, em diálogo constante com a filosofia moral (HONNETH, 2019). Essa abordagem postula uma teoria da ação centrada nas noções de convenções e metafísicas morais, em que a ação é vislumbrada sob uma ótica pluralista. Prevalece também, em termos de vinculação social, os objetos e dispositivos, como recursos para a crítica e a constituição do acordo. Assim como os clássicos Weber e Durkheim e o neoclássico Parsons, o problema central de toda sociologia é, para Boltanski e Thévenot, compreender a questão da ordem social, isto é, como os atores individuais conseguem, de tempos em tempos, ajustar mutuamente suas intenções e expectativas de ação e contribuem, assim, para a produção de consensos normativos acerca do que seja uma ordem legítima e justa.

Boltanski e Thévenot entendem, porém, que para explicar o acordo requisitado por tais operações de coordenação com vistas a um consenso necessário não precisamos recorrer às duas estratégias que prevalecem na sociologia: aquela que sustenta uma consciência coletiva preexistente e atuante para o estabelecimento de relações harmoniosas e aquela que sugere um exitoso resultado da imbricação das estratégias individuais. Esses autores se lançam a esse desafio analítico, sem, contudo, contestar a efetividade dos sistemas interpretativos coletivos (HONNETH, 2010). Como lembra Celikates (2012), as capacidades reflexivas dos atores "ordinários" e suas práticas de justificação e crítica constituem a base social e metodológica da teoria crítica, a qual serviria para ponderar, em termos teóricos, a infalibilidade da autoridade epistêmica dos participantes do mundo social investigado, os quais nem sempre são capazes de

expressar e fazer valer seus desacordos com a ordem de um determinado espaço social.

O pragmatismo na vertente sociológica atual, ancorada na sociologia francesa em sua virada praxiológica, pós-bourdieusiana, parte de grandes questões do ser e estar junto, ao dialogar com o "projeto de abordar a experiência de estar juntos." (MARTUCCELLI, 2017, p. 20) Assim, figura como preocupação da vertente pragmatista o entendimento de como vivemos juntos sem incorrer, inevitavelmente, no problema hobbesiano da "guerra de todos contra todos". O ponto consiste justamente em pensar como agimos em favor da ordem social, via acordos, consensos, adaptações e da mudança social, mas também via conflitos, desencaixes, inadaptações e desacordos. Por isso, mais do que uma sociologia do consenso ou do conflito, a sociologia pragmática adota como objeto os momentos críticos e de prova (*épreuve*), pois esses são vistos, grosso modo, como momentos de indefinição que exigem definição, isto é, ocasiões em que somos instados a rever as nossas práticas, a encarar demandas de mudanças institucionais e a definir do que as pessoas são capazes. Em suma, trata-se de momentos em que as operações e capacidades críticas afloram e encontram ressonância na coletividade concernida, obrigando a uma transformação ou ratificação do estado de coisas de uma dada situação.

Tais momentos também são oportunidades para o cientista social observar a inteligibilidade das interações sociotécnicas nas quais os atores revelam a sua capacidade de reconhecer a especificidade do espaço social do qual participam, validando ou refutando suas lógicas de funcionamento para se inserirem nele e agirem em diferentes situações (ver o terceiro gesto da sociologia pragmática tratado por Corrêa, em seu capítulo neste livro). Os momentos críticos e de prova são, antes de tudo, momentos de explicitação de estados por parte dos atores pesquisados. Com eles, procura-se indagar a importância metodológica de experiências "negativas" (injustiças, injúrias) e das incapacidades de agir que se articulam nos fluxos de ações nos quais os atores se inserem em seu cotidiano. A expressividade de suas insatisfações, perturbações, dúvidas, incertezas, para a sociologia pragmática, devem encontrar respaldo epistêmico em uma estratégia metodológica de enquadramento das situações críticas e

de prova, pois é nela que a expressividade do lado negativo da experiência manifesta que as ancoragens normativas, imanentes aos atores, se relevam para os pesquisadores.

Os textos da presente publicação se interessam pelas sociologias pragmática e pragmatista precisamente porque procuram ressaltar a importância das situações problemáticas e incertas – *momentos críticos* em Boltanski e Thévenot (1991), *situações problemáticas* em Cefaï (2006), *momentos de prova* e *controvérsias* em Chateauraynaud (1991) e Latour (2016) – como modalidade de captação do social e, com isso, revelam progressivamente "o social como problema" (CORRÊA, 2014). Tal é o caso dos trabalhos, no presente livro, de Daniel Cefaï, Francis Chateauraynaud, Janine Barbot, Nicolas Dodier e Alexandra Bidet. De maneira geral, podemos dizer que os capítulos desta coletânea, cada qual a seu modo, ao dialogarem com o pragmatismo ou com a sociologia pragmática, em suas vertentes experimental e situacionista, vinculam-se a uma agenda de reflexões que remontam a grandes questões sociológicas da vida social. A seguir, oferecemos um panorama resumido deste livro, com base nas contribuições específicas de cada capítulo.

O capítulo de Diogo Silva Corrêa propõe uma digressão teórica inspirada em uma pergunta que Gilles Deleuze fez a respeito do estruturalismo, movimento em voga na década de 1960: "em que se pode reconhecer o estruturalismo?". Deslocando a pergunta para a sociologia pragmática, Corrêa busca, a partir da descrição de três gestos, tanto responder a questão "em que se pode reconhecer a sociologia pragmática?", quanto propor novos questionamentos para a teoria social que estejam além do que foi postulado pelo que certa vez Jeffrey Alexander descreveu como "o novo movimento teórico". Por meio da descrição do gesto metafísico de inversão da sociologia clássica durkheimiana, Corrêa expõe como a sociologia pragmática, sobretudo na sua versão latouriana, se propõe a ser uma sociologia contemporânea que respeite a introdução progressiva de novas entidades na composição do social (sejam elas animais, objetos e entidades não humanas, de modo geral). Recorrendo à descrição do gesto epistemológico de delegação, ele apresenta como a sociologia pragmática visa dar conta do desafio de como é possível

tornar a sociologia capaz de abrir-se maximamente àqueles cuja experiência nós, sociólogos, colocamos como tarefa conhecer. Por fim, com o gesto de enquadramento metodológico das situações indeterminadas, problemáticas e dos momentos críticos (para os atores pesquisados), Corrêa visa delinear como a sociologia pragmática responde à questão de como é possível observar o que é fundamental e pertinente para aqueles aos quais delegamos a capacidade de produzir conhecimento sobre o mundo, a realidade, a justiça etc. Com esse exercício de exposição teórica e metodológica da sociologia pragmática, o autor se esforça tanto para apontar novas questões para teoria social, como para indicar pistas a propósito de algumas das etapas e condições (necessárias, embora não suficientes) para se pensar uma teoria social contemporânea.

Frédéric Vandenberghe revisita um dos autores fundadores da filosofia pragmatista, William James, e comenta seu livro *As variedades da experiência religiosa*, publicado em 1902, a partir de uma perspectiva sociológica. O livro de James, centrado na investigação da experiência do sagrado e de seus efeitos práticos na vida ordinária de pessoas extraordinárias, representa um esforço fundador da psicologia nos Estados Unidos, alinhado às diretrizes filosóficas dos frequentadores do *Metaphysical Club*. A religião é assim examinada por suas consequências para a formação da personalidade e dos estados psíquicos; a experiência religiosa intensa funciona como um processo de reestabilização da existência perturbada e a conversão resolve a crise existencial de um ponto de vista psicológico. Vandenberghe salienta o viés protestante e individualista da formulação jamesiana e convida o leitor a complementar sua discussão com os aspectos coletivos da religião, tais como explorados pela sociologia, empurrando a religião pessoal de James em uma direção mais comunitária. Reconstruindo o argumento do filósofo pragmatista como uma psicologia moral do desenvolvimento espiritual, o movimento proposto leva a pensar a conversão no plano societal, como reserva motivacional de ideais humanos aplicada aos problemas públicos.

O ensaio de Stefan Klein, centra-se no debate em torno de questões envolvendo as concepções de crítica e, em especial, o diálogo com o pragmatismo. O autor visa estabelecer, de modo preliminar, um diálogo entre

perspectivas e concepções de críticas que, apesar de se apresentarem como distintas, permitem uma série de aproximações profícuas. O argumento inicial do texto retoma brevemente a concepção de *crítica imanente*, de acordo com a formulação encontrada na teoria crítica da sociedade elaborada, entre outros, por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. Em seguida, Klein indica aspectos das concepções contemporâneas expressas por José Maurício Domingues e Luc Boltanski, o primeiro referindo-se ao que opta por denominar uma *concepção ecumênica de teoria crítica*, e o segundo propondo reflexões em torno das noções de *crítica social* e de *sociologia crítica*. Stefan conclui, com formulações de caráter preliminar, o quão profícuo pode se mostrar esse diálogo.

Em "As raízes pragmatistas do 'poder-com'", Daniel Cefaï examina a noção de poder desenvolvida pela pouco conhecida, mas nem por isso menos brilhante, teórica pragmatista Mary Follet. Via pragmatismo de Follet, o texto expõe uma noção de poder não vertical, mas horizontal (ponto que teóricos posteriores como Michel Foucault insistirão, ainda que passando por outras tradições). Cefaï também expõe, por meio dos textos de Follet, os distintos significados da palavra "comunidade". Em uma tradução sociológica das intuições geniais de William James, o autor mostra como Follet consegue tematizar diversas questões levantadas pela sociologia clássica de Durkheim, Weber e Marx, tais como o diagnóstico da crise das comunidades e a explicitação de possíveis saídas para a retomada do controle dos problemas sociais. Com o habitual talento e fôlego de um fenomenólogo, Cefaï consegue mostrar como Follet se inspira em James e Royce para enfrentar o quebra-cabeça filosófico, sociológico e jurídico que são a personalidade coletiva das comunidades e o Estado. O texto, assim, consegue, de modo exemplar, exprimir a maneira como a investigação pragmática da "comunidade" foi conduzida entre os anos 1890 e 1920, em sua tradição pragmatista estadunidense.

O texto de Janine Barbot e Nicolas Dodier mostra como o campo intelectual na França foi atravessado desde o início dos anos 1980 por uma problematização polêmica acerca da questão das vítimas e como essas transformações transcenderam os espaços construídos em torno de categorias particulares de vítimas (de abusos sexuais, de atentados terro-

ristas, de problemas profissionais, etc.) para fazer das vítimas em geral um objeto de preocupação. Fazendo uma história do lugar ocupado em nossas sociedades pela figura da vítima, eles a observam desde o século XVIII, com a multiplicação de esforços para pensar o lugar que devem ocupar na política nossos sentimentos diante do infortúnio do outro. Passam então pelo final do século XIX, com os debates que acompanharam a transformação das ferramentas destinadas a repensar e equipar, em particular no nível jurídico, as concepções gerais de responsabilidade, e vão até o movimento de ideias que se abre no início dos anos de 1980, com a nova preocupação dos intelectuais pelas vítimas. Barbot e Dodier tratam, assim, das mudanças e transformações ocorridas com o significado do verbo "reparar" e estabelecem as bases conceituais que permitem realizar uma aproximação sociológica das ações para a reparação da qual emerge uma nova maneira de abordar o tema das vítimas.

Sayonara Leal opera em seu texto com as noções de repertório normativo, justiça social e capacidades enquanto ferramentas conceituais promissoras para estudar dispositivos de inclusão social dirigidas a populações de baixa renda no Brasil. A autora parte dos limites da abordagem distributiva como orientação fundamental de enfrentamento da pobreza, levando a sério as avaliações positivas ou negativas que cidadãos inseridos em um quadro específico de problemas sociais explicitam sobre propósitos de justiça social objetivados em programas de renda mínima dirigidos aos pobres. Interroga-se, então, sobre o que cidadãos designam como justo e injusto em suas críticas sobre a forma como o Programa Bolsa Família (PBF), enquanto dispositivo de inclusão social, atende a suas expectativas segundo suas necessidades existenciais. Neste sentido, Leal se interessa pelas experiências morais referenciadas na pobreza dos beneficiários do PBF e seus engajamentos normativos às condicionalidades do programa. A pesquisa está apoiada em dados sobre insuficiências de acessos a bens e serviços como privação de capacitações de desfrutar de "liberdades substantivas" que permitem "funcionamentos específicos" considerados relevantes para participar da vida em comunidade sem constrangimentos ou prejuízos. A partir de entrevistas estruturadas com beneficiários do PBF, no Distrito Federal, Leal discute como a relação

entre justiça social e senso de justiça dos atores entrevistados desestabiliza esse dispositivo de combate à pobreza, ressignificando sua concepção e finalidades segundo as competências críticas de seus usuários.

O capítulo de Gustavo Matarazzo e Maurício Serva aproxima o pragmatismo da discussão da administração pública, centrando-se no controle e na criatividade burocrática na experiência de servidores de órgãos executores de políticas públicas. O objeto de estudo é uma Unidade de Conservação Ambiental (UC) em Florianópolis, Santa Catarina. Seus aspectos organizacionais são examinados à luz de variadas reflexões da sociologia pragmática, principalmente da abordagem de Dodier e Barbot acerca dos dispositivos. Os aspectos organizacionais das atividades de produção de expertise, de fiscalização e proteção e de educação ambiental na UC são descritos com base no arranjo de elementos materiais e linguísticos que estabelecem uma sequência de atos da burocracia envolvida dentro de certo quadro normativo. O texto abre novas perspectivas investigativas sobre os temas de gestão pública e meio ambiente, ao mostrar o papel da vivência, da discricionariedade e da criatividade dos atores na execução da política pública.

Laura Chartain apresenta um estudo de caso realizado em uma cadeia transnacional de algodão agroecológico envolvendo produtores brasileiros e compradores franceses. Apresenta as histórias de vida de três agricultores, duas mulheres e um homem, residentes do sertão do Nordeste do Brasil, e mobilizando a teoria da valoração de John Dewey, Chartain mostra que a cadeia se constitui como uma experiência que revela, pelos problemas e questionamentos que suscita, dinâmicas de interações entre indivíduos, capacidades e apoios que os ambientes podem proporcionar. As histórias de vida trazem elementos biográficos de pessoas que atuam na implementação da cadeia e que se misturam com elementos da política e da história do Brasil. Elas mostram como esses atores valoram suas relações com o trabalho, com o próprio algodão, com outros atores e suas próprias trajetórias e *selves* por meio da valorização de algumas de suas capacidades. A cadeia é apresentada então como um *minilaboratório,* que permite interrogar, a partir dos problemas e das incertezas que surgem durante sua implementação, a ligação dinâmica

entre os indivíduos, suas capacidades e seus ambientes e, por fim, levar a um questionamento crítico sobre o papel das instituições.

Alexandra Bidet, em coautoria com Manuel Boutet e Frédérique Chave, discute a atividade coletiva para além da inteligibilidade mútua a partir da noção de transação. Se a noção de interação é central para muitas abordagens da tradição pragmatista, o texto mostra que é necessário usar uma noção mais ampla, a de transação, introduzida por John Dewey, para pensar sociedades cada vez mais tecnicizadas e cosmopolitas, particularmente aquelas em que as atividades de trabalho são realizadas por participantes com perspectivas radicalmente heterogêneas. Os autores apresentam três estudos de caso realizados em contextos organizacionais: um centro de controle de tráfego telefônico, um serviço de emergência pediátrica e a prática de um jogo on-line no ambiente de trabalho. Neles, o papel dos dispositivos digitais, de terceiros e dos ritmos pessoais ganha destaque para o estudo da atividade coletiva, entendida como transação. A "indiferença prática", nesses contextos, em vez de prejudicial à continuidade da experiência, leva a tolerar as diferenças e estranhezas, abrindo caminhos para uma exploração pragmatista da dimensão democrática do trabalho.

A criticidade das causas ambientais é o tema do texto de Francis Chateauraynaud, que reflete sobre como podemos apreender as controvérsias públicas pelos ambientes em interação. Para o autor, um dos desafios do estudo desse objeto é conciliar a descrição formal dos processos de mobilização, a análise crítica dos discursos e contradiscursos hegemônicos e a experiência dos ambientes em interação. O texto traz uma retomada dos estudos de mobilizações coletivas relacionadas ao meio ambiente, ligados à sociologia dos movimentos sociais e ao que hoje é conhecido como "humanidades ambientais", e aponta caminhos possíveis para apreender as formas contemporâneas de crítica e engajamento ecológico, dando atenção particular às trajetórias de causas e à necessidade de se pensar os processos entre irreversibilidade e bifurcações. A partir disso, apresenta a formalização de um gradiente da crítica, isto é, uma versão gradual e processual da crítica, e defende que esta pode ser complementada pela ideia de criticidade. Em matéria de segurança

nuclear, por exemplo, a criticidade se refere aos riscos produzidos por uma reação em cadeia involuntária, e seu grau diz respeito ao uso, pelos próprios atores, de fórmulas como "reação em cadeia" e "efeito dominó". Chateauraynaud discute, assim, como podemos pensar os futuros de outra maneira, considerando que as falas militantes são elaboradas, e em contrapartida elaboram, uma nova versão da catástrofe global. Com sua pragmática das transformações em face do antropoceno, ancorada na defesa de uma abordagem plural dos processos críticos, o autor aponta caminhos para estudar as dinâmicas locais e a emergência de múltiplos contra-antropocenos, engendrados pelos ambientes em interação.

Vittorio Talone pesquisa a experiência de situações de ferimento, tensão e morte da própria vítima e de pessoas próximas a ela. O capítulo de sua autoria se insere no campo de estudos sobre violência urbana, destacando o papel da memória dessas experiências em vivências presentes e planos para o futuro. A base para as reflexões é um trabalho de campo realizado no Núcleo de Apoio a Vítimas de Trânsito (Navi) do Detran-RJ, em um Batalhão da Polícia Militar do Estado Rio de Janeiro (PMERJ) na Zona Norte, centrado em policiais desempenhando atividades administrativas, e no projeto Renascer, Servir e Proteger do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (CFAP) da PMERJ. Os relatos de uma mãe de vítima de trânsito, de um policial traumatizado por situações de perigo e de um homem que ficou paraplégico depois de levar vários tiros em um assalto ilustram a causalidade do passado traumático na estruturação de seus presentes e futuros. O autor examina esses dados empíricos por meio do conceito de memória actancial: a memória enquanto elemento no processo da compreensão de si e da realidade.A modelização da operação crítica é uma preocupação central da sociologia pragmática desde seu início.

Alexandre Werneck e Pricila Loretti avançam o projeto do clássico livro de Boltanski e Thévenot (1991) e examinam as dimensões relevantes da ação crítica. O autor e a autora se baseiam nos dados de uma pesquisa sobre os cartazes de manifestantes dos atos de junho de 2013, que ficaram conhecidos como "Jornadas de Junho", e sobre as expressões de descontentamento de moradores da Favela Santa Marta, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, em relação aos valores das tarifas de energia elétrica em

2008. O exame minucioso desse material revela várias nuances da realização da crítica, inexploradas por trabalhos prévios que se ocuparam da análise situacional dessa operação. Constitui uma das valiosas contribuições desse capítulo um quadro das "variáveis parâmetro" da efetivação da crítica: características de sua configuração (metamorais), de sua apresentação (estéticas) e de sua materialidade e tangibilidade (lógicas) como eixos que definem as variantes da operação crítica em situação.

Com base em pesquisas de natureza etnográfica realizadas em Paris, na França, Fábio Reis e Yolanda Ribeiro analisam as formas assumidas pelas políticas identitárias (reconhecimento) a partir de uma gramática social produzida na arena pública francesa de luta e combate contra o racismo e no processo de assimilação e integração dos imigrantes. A pesquisa foi feita no bairro De La Goutte D'Or, localizado no 18º *arrondissement* de Paris, mais especificamente na área conhecida como *Château Rouge*. Os autores se interessam pela composição entre o vocabulário republicano de tratamento genérico e universalizante dos *citoyens* e os múltiplos pertencimentos identitários singularizantes que se manifestam no espaço público. A questão norteadora do artigo passa pelo modo como os espaços públicos (físicos) são apropriados de forma plural pelos atores, conformando distintas dinâmicas às ações em contextos de arenas públicas que compõem esses espaços. Reis e Ribeiro atribuem grande relevância às operações críticas, "na combinação e renegociação dos diferentes estados e formas que os atores podem emprestar a si e ao mundo que circundam os sujeitos". A dimensão situacional interpela os resultados do estudo, o que acaba realçando o caráter crítico, instável e processual da ação. Assim, os autores destacam "as gramáticas políticas e morais que conferem sentido às expressividades públicas dos atores em situação, tornando inteligível determinadas formas de manifestações no mundo e os dispositivos de justificação da ação" (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991).

O capítulo de Carla Pompeu traz contribuições da sociologia pragmática e pragmatista com intuito de analisar as relações sociais presentes em sala de aula, centrada nas relações não evidentes entre sujeito e conhecimento. O texto é resultado de um trabalho de pesquisa de doutoramento de cunho etnográfico que teve como objetivo analisar

a relação que alunos, de contextos escolares específicos, estabelecem com o conhecimento matemático. Ao fazer uso da sociologia pragmática, a autora destaca que os alunos, em momentos de disputa, incertezas e conflitos, expressam uma complexidade de modos de agir e pensar sobre a escola, assim como acerca de saberes que podem ser invisibilizados quando estão interagindo em grupos sociais e culturais estanques. Pompeu aponta que, apesar da relevância dos estudos macrossociais para a área de educação, abordagens microssociais levam a sério as capacidades dos atores de agirem em situações pedagógicas atípicas manuseando conhecimentos tácitos e origem das experiências sociais, perspectiva que contribui "para novos modos de compreensão dos processos educativos e sobre novos caminhos a serem trilhados" para o ensino no espaço escolar.

Carolina Andion e Aghata Gonsalves discutem a incidência de iniciativas da sociedade civil nas dinâmicas de inovação social em arenas públicas no Brasil. A inovação social, entendida a partir de sua dimensão política, e não apenas tecnológica ou econômica, traz implicações para políticas públicas de inovação, cujos efeitos permitem questionar quais alternativas podem ser mais eficazes no direcionamento da inovação para a solução de problemas econômicos e sociais que pode contrastar com concepções sistêmicas de inovação. Do ponto de vista pragmatista, é importante contemplar aspectos organizacionais, normativos e associativos que justifiquem o impulso às inovações sociais, assim como os regimes de engajamento de atores sociais na configuração de experiências socialmente inovativas (LEAL e VARGAS, 2014). As autoras interrogam: até que ponto as iniciativas de inovação social promovidas por atores da sociedade civil no Brasil respondem aos problemas públicos e influem nas arenas públicas nas quais intervêm? Recorrendo à literatura da sociologia pragmática francesa, passando pelos estudos da teoria ator-rede e pelo programa de investigação da sociologia dos problemas públicos, Andion e Gonsalves vislumbram a inovação social enquanto prática, quer dizer, como uma "invenção" que resulta de um processo de mudança promovido pela mobilização e pela participação de diferentes coletivos na resolução de situações problemáticas em arenas públicas. Desse modo, a inovação social não é vista como resultado de

um ciclo evolutivo, mas como uma coleção de ajustes, atalhos e desvios que implicam incertezas. O trabalho é baseado em dois estudos de caso longitudinais realizados em duas arenas públicas com forte participação das organizações da sociedade civil no Brasil: o combate à corrupção eleitoral e a garantia dos direitos da criança e do adolescente. Os resultados da pesquisa evidenciam que nas experiências em que os atores da sociedade civil vão além da lógica de "coprodução de serviços públicos" e promovem processos de "investigação pública", sua capacidade de inspirar a transformação social parece ser ampliada.

Samantha Sales analisa as moralidades dos negócios de impacto, empreendimentos que declaram gerar um duplo retorno, social e financeiro, conciliando características da filantropia e das organizações da sociedade civil com as do setor privado. Fazendo uma sociologia da moral, Sales argumenta que por meio desses negócios, os agentes propõem e experimentam soluções para problemas sociais e ambientais, manifestando suas insatisfações com o Estado, a lógica capitalista e a filantropia e construindo, no decorrer desse processo, provas para essas críticas. O capítulo mostra que esses negócios se apresentam como *empreendimentos exemplares*, isto é, que buscam demonstrar pragmaticamente o que pode e deve ser feito para resolver algum problema social, para melhorar o mundo, a partir das empresas, e que seus entusiastas creem que os negócios são um plano ideal a partir do qual essas mudanças possam ser desenvolvidas. Analisando elementos biográficos que permeiam esse mundo, e inspirada nos trabalhos de Ève Chiapello, Sales mostra que o envolvimento nessas práticas pode ser mais bem compreendido a partir da ideia da dádiva pelo dom como vocação para fazer o bem ao gerar impacto social. E chama atenção para como os entusiastas desses empreendimentos performam o que consideram problemas sociais e ambientais e como estes têm aparecido mais explicitamente entre as preocupações declaradas de empresários e investidores e são incorporadas em suas práticas profissionais.

Concluindo, gostaríamos de deixar os devidos agradecimentos às pessoas e instituições que colaboraram para a realização deste livro. Aos participantes do *II Colóquio Crítica e Pragmatismo na Sociologia:*

diálogos entre Brasil e França, responsáveis pelo alto nível do debate e pelas colaborações aqui apresentadas. À Samantha Sales pela dupla contribuição para concretização desta coletânea: pela autoria de um dos capítulos do livro e pela participação na escrita do texto desta apresentação. Ao Instituto de Ciências Sociais e ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, por oferecerem o apoio de infraestrutura necessário ao evento. À Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) pelo financiamento que possibilitou não só a realização do Colóquio como desta publicação.

REFERÊNCIAS

BOLTANSKI, L.; THÉVENOT, L. *De la justification*: Les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.

CELIKATES, R. O não reconhecimento sistemático e a prática da crítica: Bourdieu, Boltanski e o papel da teoria crítica. *In: Novos estud. - Cebrap*, n. 93, p. 29-42, 2012.

CORRÊA, D. S. Do problema do social ao social como problema: elementos para uma leitura da sociologia pragmática francesa. *In: Política & Trabalho* – Revista de Ciências Sociais, n. 40, Abril de 2014, p. 35-62.

CORRÊA, D. S.; DIAS, R. de C. A crítica e os momentos críticos: De *la justification* e a guinada pragmática na sociologia francesa. *In: Mana*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 67-99, abr. 2016.

HONNETH, A. As dissoluções do social: sobre a teoria social de Luc Boltanski e Laurent Thévenot (Parte I e Parte II). *In: Blog do Sociofilo*., ([2010] 2019) Disponível em: https://blogdosociofilo.com/2019/08/01/dissolucoes-do-social-sobre-a-teoria-social-de-luc-boltanski-e-laurent-thevenot-parte-i-por-axel-honneth/ e https://blogdosociofilo.com/2019/08/01/dissolucoes-do-social-sobre-a-teoria-social-de-luc-boltanski-e-laurent-thevenot-parte-2-por-axel-honneth/

HONNETH, A. *Ce que social veut dire*: le déchirement du social I. Paris: Gallimard, 2010.

LEAL, S.; VARGAS, E. R. de. Entre associativismo e regimes de engajamento: reflexões acerca do conceito de inovação social para pensar políticas públicas de inovação. *In: Estudos de Sociologia.* Araraquara v. 19, n. 37, p. 349-369, jul – dez. 2014.

MARTUCCELLI, D. *La condition sociale moderne*: L'avenir d'une inquiétude. Paris: Gallimard, 2017.